Reagrupamento Revolucionário



reagrupamento.revolucionario@gmail.com
reagrupamento-rr.blogspot.com | regroupment.org

Por uma Greve Geral de Verdade na Educação!

Integrar os terceirizados! Unificar comandos de greve e pautas dos trabalhadores e estudantes!

O governo do PT em aliança com os empresários, latifundiários e banqueiros do país impôs à educação o **REUNI**. Ao mesmo tempo em que prometia expandir o acesso da população às universidades públicas, o REUNI acabou por sucatear enormemente o ensino, com a criação de novos cursos e aumento das vagas sem garantir o mínimo de estrutura para comportar essa expansão, muito menos recursos suficientes para assistência estudantil. E isso ao mesmo tempo em que o **PROUNI** isentava e continua a isentar os tubarões do ensino privado de pagar impostos, o que na prática transfere verba pública para as universidades privadas. Um estudo realizado pela ANDES-SN (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) demonstrou que o dinheiro que o governo deixa de receber das privadas para garantir ***uma*** vaga pelo PROUNI serviria para abrir ***três*** nas públicas! Isso é uma demonstração clara de que tais projetos buscam privatizar o ensino universitário cada vez mais.

E os ataques à educação pública não param por aí. Recentemente foi aprovada uma medida que entrega a gestão dos Hospitais Universitários na mão de uma empresa criada pelo governo, a **EBSERH (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares)**, além de um decreto que rebaixa e congela o salário dos médicos que são servidores federais. Essa medida facilita uma possível privatização posterior dos Hospitais Universitários, já que sua gestão passa a ser centralizada não através de um órgão técnico, mas em uma empresa.

Está claro para todos que a atual greve, que já passa da marca de um mês e que conta com mais de 50 Instituições Federais de Ensino (IFEs) paradas, é uma resposta aos crescentes ataques do governo à educação pública: expansão sem qualidade do REUNI, constantes cortes de verbas, privatização dos Hospitais Universitários via EBSERH, etc. E tal realidade não se limita apenas às universidades federais, tanto que instituições estaduais e também municipais já estão articulando mobilizações próprias para lutar contra a precarização do ensino público.

Além dos docentes, cerca de 20 Institutos já contam com greves nas quais se somam estudantes e técnicos administrativos. Dos três setores em lutas, o que tem apresentado pautas mais avançadas são os estudantes, que têm levantado demandas muito mais abrangentes que a pauta da ANDES (baseada nos eixos *reajuste salarial, reestruturação no plano de carreira e melhoria das condições de trabalho*), questionando assim alguns dos principais pilares que mantêm a elitização do ensino universitário em nosso país.

A dinâmica da greve

A greve, entretanto, passa por dificuldades importantes, que precisamos compreender como pré-requisito para superara-las e termos força suficiente para enfrentar o Governo — que até agora só tem enrolado os grevistas com o claro intuito de desgastar o movimento, ao cancelar duas vezes seguidas as mesas de negociação com os professores, por exemplo.

O primeiro problema que se apresenta é a ausência de um ***Comando Nacional Unificado***. A palavra de ordem "*Greve geral em toda federal*" tem ecoado nos mais diversos espaços da greve, porém sem um Comando que unifique os três setores em greve, estaremos dispersando nossas forças em negociações separadas. Nossa unidade não pode se dar apenas nos atos de ruas, como tem ocorrido até agora. Precisamos garantir que cada setor defenda, além das suas próprias pautas, as pautas dos demais. Garantindo uma só mesa de negociação, estaremos concentrando nossas forças e pondo o Governo contra a parede com muito mais vigor.

Os estudantes em greve já têm declarado abertamente o seu apoio aos docentes. Mas esse apoio precisa se expressar na prática e também precisa ser recíproco, além de se estender aos técnicos administrativos. Sem um comando unificado, qual a garantia de que os professores ou técnicos administrativos não irão se retirar da luta caso se vejam contemplados (mesmo parcialmente) por propostas do governo, deixando os estudantes para trás, ou vice-versa? E não podemos ser ingênuos a ponto de pensar que nossos inimigos não usarão essa divisão como arma contra nossa greve. Desde cada Instituição, precisamos criar urgentemente Comandos Unificados e construir uma forte aliança entre os estudantes e os trabalhadores da educação para juntos enfrentarmos as Reitorias e o Governo, arrancando o máximo possível de conquistas.

Continua →

Por uma greve combativa!

Em cada Instituição, é necessário garantir que a greve não fique só no papel ou que seja uma paralização "de pijama", com todos em suas casas esperando a negociação com o governo chegar magicamente a algum lugar. Encaramos que houve certa irresponsabilidade do ANDES em convocar uma greve nacional sem antes preparar politicamente as bases. Isso fez com que a adesão em muitas universidades se desse inicialmente através de assembleias docentes locais esvaziadas e pouco representativas. Felizmente, em muitos lugares foram organizadas assembleias de base, por cursos, institutos e centros, que cumpriram o papel de fortalecer a adesão. Isso, entretanto, não corresponde à realidade majoritária.

Uma "meia greve" dos docentes é muito ruim para o movimento como um todo, pois iria desmoraliza seus participantes, tornando-os presa fácil para o governo. Ainda assim, em muitos lugares os representantes das organizações oficiais não estão dispostos a ir muito além da simples decretação da greve. Como lidar com essa situação? Cabe aos grupos de oposição e aos setores mais avançados dos militantes independentes a tarefa de fazer a greve não ficar só no papel ou ser uma "greve de pijama". Precisamos garantir mobilizações que partam da base e expressem sua força nos fóruns superiores da greve (assembleias e comandos).

E a melhor forma de se fazer isso é, a partir dos epicentros da luta, reforçar os locais que continuam a ter aulas acontecendo e funcionários trabalhando. Os comandos locais dos lugares onde a adesão está mais forte devem se articular com os comandos ou estudantes e trabalhadores daqueles lugares onde ela ainda é insuficiente. A partir dessa articulação, devem garantir diálogos com estudantes e professores, devem realizar panfletagens e atividades de ocupação do espaço do campus, como aulas públicas e oficinas e manter um diálogo vivo, voltado para o convencimento.

Com ações como essa, atingiremos as bases dos três setores e fortaleceremos nossa greve. A partir de determinado ponto, teremos inclusive força suficiente para realizar piquetes expressivos, de uma maioria grevista contra uma minoria fura-greve. O piquete, ou bloqueio, é uma forma radicalizada de luta que deve ser utilizada se condições para tal surgirem — uma maioria disposta a todo custo a ganhar uma minoria que insiste em furar greve. O piquete deve funcionar através do convencimento onde for possível e mesmo chegar a bloquear fisicamente as entradas dos Institutos e Centros onde não for possível o convencimento. Uma perspectiva como essa nos permitiria inclusive expandir a greve para os setores menos mobilizados.

Em muitos Institutos e Universidades, os Centros de Tecnologia são os setores com maior número de fura-greves. Neles é onde se dá a maior parte das atividades produtivas das universidades, gerando grande volume de dinheiro para a iniciativa privada e as empresas estatais. Por isso eles costumam também ter as melhores estruturas físicas, laboratórios e maior quantidade de recursos à sua disposição. Parar esses setores é dar um golpe fulminante no governo e nos empresários que os sustentam, além de que colocar na mesa de forma muito mais direta o questionamento à privatização da universidade pública, uma vez que empresas usam nossas instalações e talentos para enriquecer mais e mais.

Outra tarefa fundamental é que os sindicatos oficiais busquem defender os interesses dos trabalhadores terceirizados em toda a universidade. A terceirização é uma forma de precarizar as condições de trabalho, e os terceirizados muitas vezes não possuem sindicatos que os defendam, ou então suas organizações não tem a menor tradição de luta. O **PSOL e o PSTU**, que são as organizações que tem dirigido a greve estudantil nacional na maioria das Instituições, praticamente nunca levantam as demandas para atingir os terceirizados das Universidades, muitos dos quais são os setores mais explorados, compostos por mulheres e negros. Estes grupos dizem combater o projeto de educação do PT como um todo, mas no fundo se limitam a demandas muito pontuais — como o aumento de verbas.



Para conquistarmos vitórias e estabelecermos um contraponto aos ataques do governo, é necessário um árduo trabalho — que até agora tem sido deixado de lado na maior parte dos lugares. A dinâmica da greve no presente momento é basicamente "superestrutural". O movimento tem conseguido organizar atos de rua, assembleias gerais massivas **(como a da UFRJ na foto acima)** e criar comandos de greve. Entretanto, quando olhamos de perto cada curso, centro ou instituto, vemos ainda uma forte desmobilização, seja pela existência em números alarmantes de fura-greves, seja por uma greve "de pijama".

Em certos lugares essa dinâmica é decorrente de uma estrutura hegemonizada pelas burocracias sindicais e estudantis, pouco interessadas em uma luta forte o suficiente que acabe por tirá-las de sua zona de conforto perante os gestores das universidades e também os governantes. Daí a importância de combatermos brechas burocráticas em nossas fileiras lutando para que os comandos de greve sejam democráticos e unificados. Devemos lutar por comandos de greve unificados entre trabalhadores (professores e funcionários) e estudantes, cuja representação seja proporcional à base que participa da greve em cada Centro ou Instituto e com representantes revogáveis a qualquer momento pelas assembleias que os elegeram.

Os comandos são órgãos executivos da greve, mas ao mesmo tempo tomam decisões políticas importantes. Por isso é fundamental que as assembleias

dos três setores sigam ocorrendo periodicamente, garantindo assim que os representantes eleitos para os comandos expressem as posições políticas da base do movimento. Sem o controle dos delegados pela base, o comando irá acabar se sobrepondo à greve e ditando seus rumos de cima para baixo, colocando em risco a nossa luta.

Com a construção de comandos de greve unificados e pela base, com ações combativas para buscar convencer ou neutralizar os fura-greves e integrando os trabalhadores terceirizados, podemos construir uma greve geral de verdade na educação!

Qual deve ser a perspectiva dos grevistas em relação ao governo Dilma?

Para além destas questões, uma compreensão política atrapalha muito a greve dos professores, estudantes e técnicos administrativos: é a ideia de que a meta do movimento por uma educação pública, gratuita e de qualidade vai ser conseguida através da pressão do movimento sobre o governo Dilma/PT. A demanda dos "10% do PIB para a educação" tem sido defendida de forma unânime por todas as correntes do movimento estudantil, inclusive o PCdoB/PT, que defendem que colaborando com o governo vamos conseguir essa meta.

Já o PSOL e o PSTU tentam dar a essa demanda uma roupagem mais radical, dizendo que é preciso pressionar o governo para conquistar os 10%. O PSTU, apesar da aparência combativa que tenta mostrar nessa greve, já deixou claro em outros momentos que o seu objetivo é "mudar radicalmente a política" do governo Dilma para que ele "pare de favorecer os patrões":

> "Dessa forma, os trabalhadores estão realmente numa situação sem saída. A não ser que lutemos por uma saída que nos favoreça e que, portanto, vai prejudicar o lucro dos patrões. (...) É claro que, para isso, o governo Dilma precisa mudar radicalmente sua política econômica e parar de favorecer os patrões. Por isso também devemos lutar!"
>
> A quem interessa a desvalorização do Real?
> **Site do PSTU, 1 de junho de 2012**

Isto é uma ilusão. Dilma e o PT estão há décadas comprometidos com um projeto que corresponde aos interesses dos patrões e banqueiros brasileiros, inclusive na educação. Ao invés disso, devemos ter em mente o caráter parcial de todas as vitórias enquanto o poder estiver com o Estado dos patrões, e nos prepararmos para, no futuro, substituí-lo por um governo direto dos trabalhadores.

Nesse trecho, por sinal, fica clara a perspectiva do PSTU, compartilhada por tantos outros grupos na esquerda, de utilizar os movimentos sociais como instrumento de pressão sobre o governo do PT. Essa perspectiva também pode ser vista se prestarmos atenção na insistente linha de tal organização em fazer "exigências" ao Governo Dilma, iludindo os trabalhadores e estudantes em luta quanto à possibilidade delas serem concretizadas dessa forma. Essas exigências, por sinal, nunca vão além de pequenas reformas ou de mais verba para a educação. E essa política é a que impera na direção da **ANEL (como reforça a foto abaixo)**, ao mesmo tempo em que a **UNE** governista não está nem um pouco interessada em uma greve de verdade.



Essa postura deixa os estudantes e trabalhadores desarmados politicamente para enfrentar seus inimigos e só reforça a necessidade de que os grupos de oposição consequentes e os militantes independentes mais avançados tomem as rédeas dessa greve, garantindo que ela se fortaleça e seja vitoriosa. Além dos aspectos organizativos aqui apresentados, nós do **Reagrupamento Revolucionário** temos intervindo nas assembleias e comandos de greve com um programa anticapitalista, capaz de realmente fortalecer esta e tantas outras lutas que estão por vir com a intensificação da crise econômica. Para além de uma greve pelos "*10% do PIB para educação pública*", também fazemos a defesa de demandas que apontam qual é o projeto de educação que corresponde ao interesse dos trabalhadores e estudantes:

- **Fim do Vestibular/ENEM para garantir o livre acesso à educação superior!**
- **Criação de um plano nacional de assistência estudantil como forma de assegurar a permanência na universidade! Bandejões, moradia e transporte gratuitos e de qualidade para todos que precisarem!**
- **Creches gratuitas em todas as universidades para todas as mães estudantes e trabalhadoras que precisarem!**
- **Aumento do valor do auxílio aos estudantes cotistas e aos estudantes bolsistas para o valor de um salário mínimo, reajustado automaticamente conforme os aumentos do mesmo!**
- **Integração dos trabalhadores terceirizados à luta, começando com a firme defesa de suas demandas pelos setores em greve! Fim da precarização do trabalho: pela efetivação imediata de todos trabalhadores e trabalhadoras terceirizados, com igual salário e direito dos trabalhadores efetivos!**